

UMA ECOLOGIA DECOLONIAL

ORFEU
NEGRO

PENSAR
A PARTIR
DO MUNDO
CARIBENHO

MALCOM
FERDINAND

TRADUÇÃO
JÚLIO
HENRIQUES

ESTE LIVRO BENEFICIOU DE UM APOIO DO PRR, NO ÂMBITO DA MEDIDA DE INTERNACIONALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E TRANSIÇÃO DIGITAL DO LIVRO E DOS AUTORES.



TÍTULO ORIGINAL

Une écologie décoloniale: penser l'écologie depuis le monde caribéen

AUTOR

Malcom Ferdinand

TRADUÇÃO

Júlio Henriques

REVISÃO

Ana Pinto Mendes

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Europress – Indústria Gráfica

COPYRIGHT

© 2019 Éditions du Seuil

© 2026 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Março 2026

DL 561559/26

ISBN 978-989-9225-48-0

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 — 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

Índice

PRÓLOGO

Uma dupla fractura colonial e ambiental: as Caraíbas no centro da tempestade moderna

- 17 Uma tempestade moderna
- 18 A arca de Noé ou a dupla fractura colonial e ambiental
- 28 O navio negreiro ou o porão da modernidade
- 33 Um navio-mundo: o mundo como horizonte da ecologia
- 36 Alcançar o centro da tempestade

PRIMEIRA PARTE

A TEMPESTADE MODERNA Violências ambientais e rupturas coloniais

- 43 **1. O habitar colonial: uma terra sem mundo**
- 47 Princípios do habitar colonial:
geografia, exploração da natureza e altericídio
- 49 Fundamentos do habitar colonial: apropriações
de terras, massacres e desbravamento
- 51 Formas do habitar colonial: propriedade privada,
plantações e escravaturas
- 57 **2. Os matricidas do Plantacionoceno**
- 60 O fim de uma terra-nutridora: dos *conucos* às plantações
- 61 A ruptura do ecúmeno: uma «terra-sem-manman»
- 64 Rupturas na paisagem, na biodiversidade e metabólicas
- 67 Do habitar colonial ao Plantacionoceno
- 71 **3. O porão e o Negroceno**
- 74 A política do porão
- 75 A recusa do mundo
- 76 Destruições dos elos comunitários e dos pertencimentos

- 78 Perda do corpo, perda da Terra
80 Fora-da-cidade: a engenharia de um ser não político
81 A especificidade da condição das Pretas escravas
82 O Negroceno
- 87 **4. O ciclone colonial**
89 O ciclone colonial
91 Shakespeare e Césaire: quando a tempestade serve os interesses dos senhores
92 Conrad e o Katrina: quando a tempestade engendra porções do mundo
96 Turner e o *Zong*: a tempestade-pretexto para lançar o mundo borda fora
98 A política do ciclone colonial e o aquecimento do clima

SEGUNDA PARTE

A ARCA DE NOÉ **Quando o ambientalismo recusa o mundo**

- 103 **5. A arca de Noé: o embarque ou o abandono do mundo**
105 A arca de Noé: imaginário dos discursos ambientalistas
106 A política do embarque
107 Corpos-em-perda
108 Astronautas na Terra
109 O abandono do mundo: os Noés
111 Figuras da recusa do mundo
- 115 **6. Reflorestar sem o mundo (Haiti)**
117 O discurso tecnicista e o fora-do-mundo
118 A injusta censura aos quilombolas e aos camponeses
119 A reflorestação sem o mundo ou o sacrifício dos camponeses
121 O massacre do parque de La Visite em 23 de Julho de 2012
123 Na origem: o habitar colonial e a fractura quilombola do mundo
126 Fazer mundo para reflorestar a Terra

- 129 **7. O paraíso ou o inferno das reservas (Porto Rico)**
- 131 O paraíso: laboratório colonial
- 132 A reserva paradisíaca ou o inferno de Vieques
- 134 A heterotopia colonial
- 135 A violência da página em branco
- 139 **8. A química dos senhores de escravos (Martinica e Guadalupe)**
- 141 A condição tóxica do Plantacionoceno
- 142 A clordecona nas Antilhas: violências e dominações tóxicas
- 144 Uma tóxica demonstração de força que reforça o habitar colonial
- 145 A química dos senhores de escravos e a mentira da humanidade-astronauta
- 147 **9. Uma ecologia colonial: no âmago da dupla fractura**
- 149 A ecologia negreira: o ambientalismo com uma condição, a escravatura
- 152 A emancipação plantacionária: a abolição com uma condição, as plantações
- 156 Fractura entre anticolonialismo e ambientalismo moderno
- 159 O *oikos* colonial do Antropoceno
- 161 Os Pretos do *oikos* colonial
- 162 O porão do Antropoceno

TERCEIRA PARTE

O NAVIO NEGREIRO

Sair do porão da modernidade em busca de um mundo

- 167 **10. O navio negreiro: o desembarque fora-do-mundo**
- 169 O navio negreiro: a arca imaginária do mundo caribenho
- 170 A política do desembarque
- 171 Corpos perdidos
- 172 Náufragos: fora-da-Terra
- 176 O Preto: fora-do-mundo
- 177 As figuras da fuga do mundo: as saídas do porão

183	11. A ecologia quilombola: fugir do Plantacionoceno
185	Aquilombar o Antropoceno
186	No âmage da dupla fractura da modernidade
188	Tocar na Terra: a <i>matrigénese</i> quilombola
191	A metamorfose crioula: recuperar um eu, descobrir um corpo
192	A ecologia dos quilombolas: os protectores de florestas
195	As quilombolas
197	Limites e virtudes
201	12. Rousseau, Thoreau e o aquilombamento civil
203	John Muir em Cuba: derrubar o muro do ambientalismo
205	Rousseau e o caminhante quilombola
208	Thoreau dividido em dois
209	Thoreau defensor dos quilombolas
210	Os escravos da escravatura dos Negros: os outros escravos do Plantacionoceno
212	O aquilombamento civil
214	As quilombolas civis e as mulheres Brancas antiesclavagistas
216	Um aquilombamento civil do Plantacionoceno
219	13. Uma ecologia decolonial: sair do porão
221	Da fractura colonial à fractura ambiental
224	Da fractura ambiental à fractura colonial
225	<i>Deslocar</i> o Antropoceno: a hipótese Ayiti
230	Lutas de ecologia decolonial: sair do porão moderno

QUARTA PARTE

UM NAVIO-MUNDO

Fazer mundo para além da dupla fractura

237	14. Um navio-mundo: a política do encontro
239	A arca de Noé e o navio negreiro: as duas errâncias de uma mesma modernidade
242	O retorno ambientalista: prolongamento da recusa colonial do mundo
246	Os retornos quilombolas: prolongamento da infinita fuga do mundo
247	A política do encontro e o navio-mundo

253	15. Ganhar corpo no mundo: reatar com uma Terra-Mãe
255	A fractura dos dois corpos
257	Os ventres do mundo e as matrizes da Terra
260	Cuidar de corpos Pretos e de corpos ecológicos
263	Soprar na concha-rainha e fazer rufar o tambor
265	16. Alianças interespécies: causa animal e causa Negra
267	A escravização dos animais não-humanos
269	A animalização social e política dos Negros e de outros racializados
274	Ser uma presa na selva de betão
275	Racismo e animalização das mulheres
277	Um mesmo habitar escravagista da Terra
279	Alianças interespécies contra o Plantacionoceno
283	17. Uma ecologia-do-mundo: no convés da justiça
285	Fazer mundo, compor com pluralidades
286	Para além da ontologia <i>gestalt</i> e da criouliização
287	Em prol de estéticas e escritas duplamente relacionais
288	Por uma cosmopolítica da relação
290	No convés da justiça: justiça climática, reparações e restituições decoloniais

EPÍLOGO

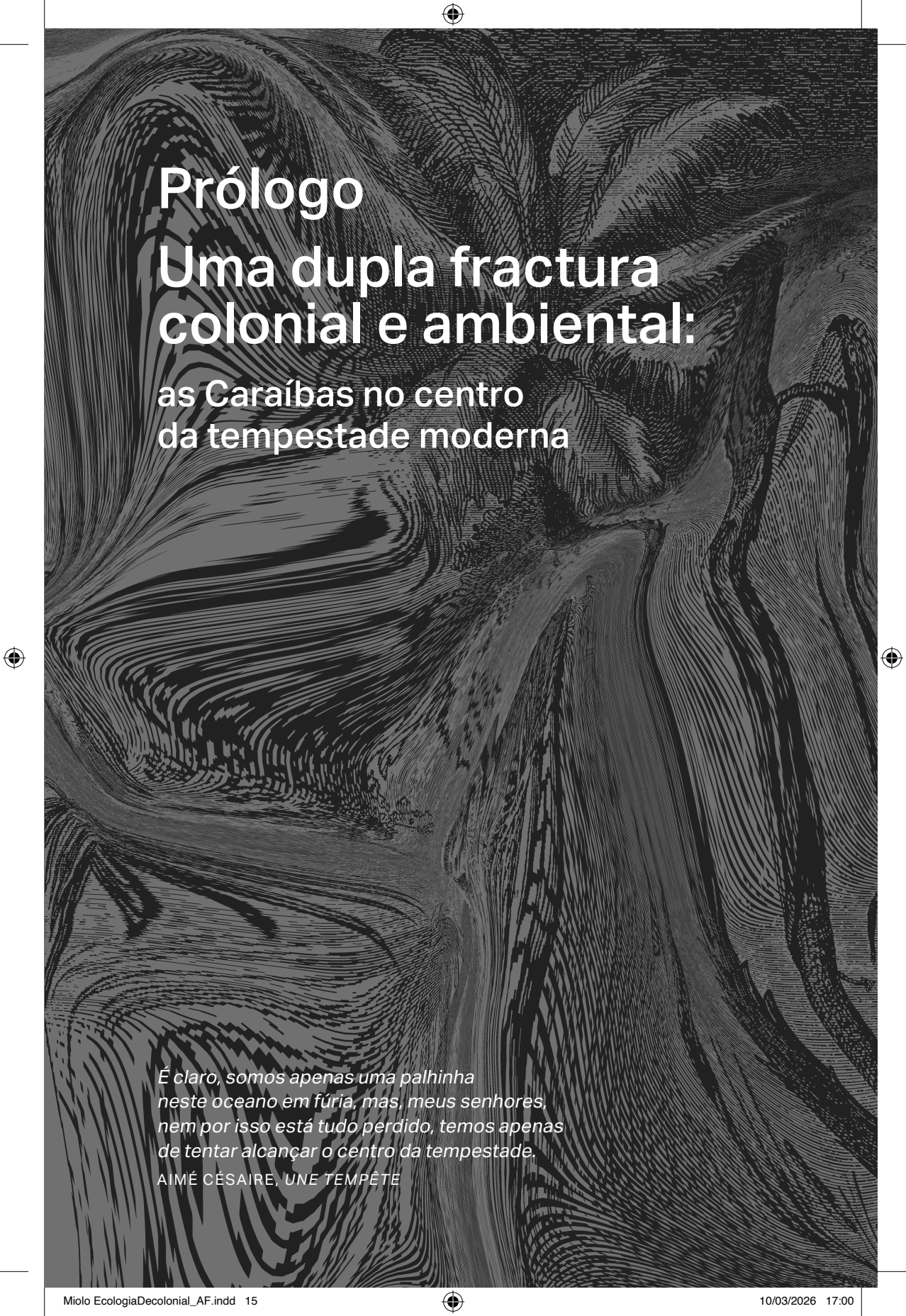
297	Fazer mundo frente à tempestade
299	<i>Fazer mundo</i>
302	A intrusão do Ayiti
303	Redescobrir o sol de África
305	Agradecimentos
307	Notas
347	Navios índice
349	Imagens índice e créditos

*Para a minha mãe, Nadiège,
e o meu pai, Alex.*

*Às lutas dos náufragos
e às buscas ecologistas em prol de um mundo.*



Joseph Mallord William Turner, *Slavers Throwing Overboard the Dead and Dying, Typhoon Coming On*, 1840



Prólogo

Uma dupla fractura colonial e ambiental:

as Caraíbas no centro
da tempestade moderna

*É claro, somos apenas uma palhinha
neste oceano em fúria, mas, meus senhores,
nem por isso está tudo perdido, temos apenas
de tentar alcançar o centro da tempestade.*

AIMÉ CÉSAIRE, *UNE TEMPÊTE*

UMA TEMPESTADE MODERNA

Uma raiva rubra tolda o céu, as ondas agitam-se, a água sobe, as aves assustam-se. Os ventos em remoinho revolvem as destruições dos ecossistemas da Terra, tanto as escravaturas dos não-humanos como as violências da guerra, as desigualdades sociais, as discriminações raciais e as dominações exercidas sobre as mulheres. Está em curso a sexta extinção em massa de espécies, as poluições químicas infiltram-se nos aquíferos e nos cordões umbilicais, o aquecimento do planeta acelera-se e a justiça mundial continua a ser iníqua. A violência atinge a tripulação, corpos acorrentados são lançados às profundezas marinhas e mãos quilombolas procuram a esperança. Os céus trovejam alto e bom som: o navio-mundo está no meio da tempestade moderna. Como enfrentá-la? Que rumo procurar?

Este ensaio é uma contribuição para a busca de um rumo, com a particularidade de fazer das Caraíbas o seu mar de pensamento. Para os europeus do século XVI, a palavra «Caraíbas», nome dos primeiros habitantes do arquipélago, designava selvagens e canibais¹. A exemplo da personagem Calibã da peça *A Tempestade*, de Shakespeare, «Caraíba» significaria uma entidade desprovida de razão cuja fiscalização pelas colonizações europeias e suas ciências faria emergir lucros económicos e saberes objectivos. Nos nossos dias, esta perspectiva colonial continua presente na representação turística das Caraíbas como um intervalo de areia despovoada e fora do mundo. Pensar a ecologia a partir do mundo caribenho é uma inversão desta perspectiva, sustentada pela convicção de que os caribenhos, homens e mulheres, falam, agem, pensam o mundo e habitam a Terra².

Perante o anúncio do dilúvio ecológico, são muitos os que se precipitam para uma arca de Noé, pouco se preocupando com os abandonados

em terra ou com os subjugados no interior do próprio navio. Frente à tempestade ecológica, o salvamento da «humanidade» ou da «civilização» exigiria esse abandono do mundo. Esta desoladora perspectiva é desmascarada pelo navio negreiro, a exemplo do navio *Zong* ao largo da Jamaica, em 1781, pintado por William Turner. Só por ser pressentida a tempestade, alguns são logo acorrentados debaixo do convés e outros lançados borda fora. Os colapsos ambientais não atingem toda a gente da mesma maneira, e não apagam, de maneira nenhuma, os colapsos sociais e políticos já em curso. Continua a haver uma dupla fractura entre os que temem a tempestade ecológica surgindo no horizonte e aqueles a quem o convés da justiça foi recusado muito antes das primeiras rajadas de vento. Verdadeiro olho da tempestade, as Caraíbas levam-nos a apreendê-la *a partir do porão da modernidade*. Pelos seus imaginários crioulos de resistência e as suas experiências de lutas (pós-)coloniais, as Caraíbas permitem uma conceptualização da crise ecológica associada à busca de um mundo liberto das suas escravidões, das suas violências sociais e das suas injustiças políticas: *uma ecologia decolonial*. Esta ecologia decolonial é um caminho rumo ao horizonte de um mundo comum a bordo de um navio-mundo, rumo ao que eu chamo *uma ecologia-do-mundo*. Guiam este caminho três proposições filosóficas.

A ARCA DE NOÉ OU A DUPLA FRACTURA COLONIAL E AMBIENTAL

A primeira proposição parte da verificação de uma *dupla fractura colonial e ambiental da modernidade* que separa a história colonial e a história ambiental do mundo. Esta fractura nota-se na distância entre os movimentos ambientais e ecologistas, por um lado, e os movimentos pós-coloniais e anti-racistas, por outro, que se exprimem nas ruas e nas universidades sem comunicar entre si. E revela-se também, no dia-a-dia, na gritante ausência de Negros ou pessoas racializadas nas arenas de produção de discursos ambientais, bem como nos instrumentos teóricos utilizados para pensar a crise ecológica. Longe da essencialização apriorística da antropologia científica do século XIX, eu refiro-me, com os termos «Negros», «Vermelhos», «Árabes» ou «Branços», à construção da hierarquia racista

do Ocidente que desembocou nisto de muitas pessoas na Terra terem por condição ver-se associadas a uma raça, inventando Brancos* acima de não Brancos³. Devido a esta dissimetria, com o termo «racializados» refiro-me a estes outros, não Brancos, cuja humanidade foi e continua a ser posta em questão por estas ontologias raciais e que, na prática, se traduz numa essencialização discriminante⁴. Mas o facto de esta hierarquia ser uma construção sociopolítica que já não tem qualquer valor científico⁵ não deveria, em contrapartida, desembocar na negação das realidades sociais e experienciais que resultam – por exemplo, recusando nomeá-las – das suas violências e relações de dominação, inclusive nos discursos, práticas e políticas do meio ambiente⁶.

Nos Estados Unidos, um estudo de 2014 mostra que as minorias continuam sub-representadas nas organizações ambientais governamentais e não governamentais, sendo as posições mais elevadas ocupadas maioritariamente por homens Brancos, diplomados e de classe média⁷. Em França, a situação é similar. As pessoas racializadas oriundas da imigração colonial e pós-colonial que recolhem o lixo das cidades, limpam as praças e instituições públicas, conduzem os autocarros, os eléctricos e os metros, as que servem refeições quentes nos refeitórios universitários, fazem a distribuição do correio, cuidam dos doentes nos hospitais, ou aquelas cujo acolhimento sorridente à entrada dos estabelecimentos é garantia de segurança, estão em geral ausentes das arenas universitárias, governamentais e não governamentais que se preocupam com o meio ambiente. E especialistas do ambiente tomam regularmente a palavra nas conferências agindo como se todas estas pessoas, as suas histórias, os seus sofrimentos e as suas lutas continuassem a não ter consequências na maneira de pensar a Terra. Disso decorre a absurdidade de uma preservação do planeta que se manifesta na ausência das pessoas «sem quem», escrevia Aimé Césaire, «a terra não seria a terra»⁸. Ou então esta fractura é completamente ocultada atrás do argumento falacioso de que os não Brancos não se preocupariam com o meio ambiente. Ou então é limitada a um assunto anexo ao «verdadeiro» objecto da ecologia. Aqui, proponho *fazer desta*

* A fim de distinguir graficamente as cores «preto», «vermelho», «branco» da espessura dos processos históricos, jurídicos, sociopolíticos e ontológicos que operam na racialização, emprego a maiúscula nos substantivos e nos adjetivos «Preto», «Negro», «Vermelho» e «Branco». (N.A.)

dupla fractura um problema central da crise ecológica, que altere profundamente as maneiras como esta é pensada e as suas traduções políticas.

Por um lado, a fractura ambiental decorre desta «grande divisão»⁹ da modernidade: a oposição dualista que separa natureza e cultura, ambiente e sociedade, estabelecendo uma escala vertical de valores que coloca «o Homem» acima da natureza. Ela revela-se através das modernizações técnicas, científicas e económicas de domínio da natureza, cujos efeitos se avaliam pela amplidão das poluições da Terra, pela perda de biodiversidade, pela perturbação do clima e pelo critério das desigualdades de género, das misérias sociais e das vidas descartáveis engendradas¹⁰. O conceito de «Antropoceno» popularizado por Paul Crutzen, Prémio Nobel da Química em 1995, atesta as consequências desta dualidade¹¹. Um tal conceito designa a nova era geológica que sucede ao Holoceno, em que as actividades humanas se tornam uma força maior afectando de forma duradoura os ecossistemas da Terra. Esta fractura abarca também uma homogeneização horizontal e esconde as hierarquizações internas de ambas as partes. Por um lado, as palavras «planeta», «natureza» ou «ambiente» ocultam a diversidade dos ecossistemas, dos lugares geográficos e dos não-humanos que os constituem. As imagens de florestas luxuriantes, de montanhas nevadas e de reservas naturais disfarçam as imagens das naturezas urbanas, das favelas e das plantações. Disfarçam-se também os conflitos internos entre os movimentos de preservação da natureza e os da causa animal, *a fractura animal*, bem como as hierarquizações próprias desta última, em que os animais selvagens «nobres» (ursos-polares, baleias, elefantes ou pandas) e animais de companhia (cães e gatos) são situados acima dos animais de criação (vacas, porcos, ovelhas ou atuns)¹². Por outro lado, as palavras «Homem» ou *Anthropos* dissimulam a pluralidade dos humanos, pondo em cena homens e mulheres, ricos e pobres, Brancos e não Brancos, cristãos e não cristãos, doentes e pessoas com saúde.

Designo por «ambientalismo» o conjunto dos movimentos e correntes de pensamento que tentam derrubar a valorização vertical da fractura ambiental *sem tocar* na escala de valores horizontal, ou seja, sem pôr em causa as injustiças sociais, as discriminações de género e dominações políticas ou a hierarquia dos meios ambientes de vida sem se preocupar com a

causa animal. O ambientalismo procede assim de uma genealogia apolítica da ecologia que contém as suas figuras, como a do caminhante solitário e o seu panteão de pensadores, entre os quais Jean-Jacques Rousseau, Pierre Poivre, John Muir, Henry David Thoreau, Aldo Leopold ou Arne Næss¹³. Trata-se principalmente de homens Brancos, livres, sozinhos e de classe abastada, em sociedades escravagistas e pós-escravagistas, perante o que então se designava como «natureza». Apesar dos desacordos em torno da sua definição, o ambientalismo mantém a preocupação de uma «natureza», alimentando a doce ilusão de que as suas condições sociopolíticas de acesso¹⁴ e as suas ciências continuariam a estar fora da fractura colonial.

Valorização ↓	Planeta, Ambiente, Natureza	Ursos-polares, lobos, águias, tigres, elefantes, baleias...	Vacas, porcos, galinhas, ovelhas, borregos, atuns, salmões, camarões, conchas...
		Fractura animal	
		Natureza virgem, <i>wilderness</i> Florestas, montanhas, lagoas, parques, safáris...	Cidades, naturezas urbanas, favelas, plantações, campos de petróleo, subúrbios, criações de animais, matadouros...
		Fractura ambiental	
	Homem, humano, <i>Anthropos</i>	Homem branco, cristão, diplomado e de classe abastada	Humanos, homens, mulheres, pobres, doentes, racializados, Negros, Vermelhos, Amarelos, árabes, indígenas, muçulmanos, judeus, budistas, jovens, homossexuais, idosos, portadores de deficiência...
	Valorização e homogeneização ←		

A fractura ambiental

Desde os anos 1960, movimentos *ecologistas* abordam as escalas de valores verticais e horizontais. O ecofeminismo, a ecologia social e a ecologia política ligam a preservação do ambiente a uma exigência de igualdade entre homens e mulheres, de justiça social e de emancipação política. Apesar das suas ricas contribuições, estas formulações ecologistas atribuem pouca importância às questões raciais e coloniais. A constituição colonial e

esclavagista da modernidade é encoberta pela pretensão de universalidade de teorias socioeconómicas, feministas ou jurídico-políticas. Na viragem verde dos anos 1970, as disciplinas de letras e de humanidades confrontaram-se com a fractura ambiental ao mesmo tempo que varriam para debaixo do tapete a fractura colonial. Salta aos olhos a ausência de pensadores racializados especialistas destas questões. Da universidade às arenas governamentais e não governamentais, os movimentos críticos da fractura ambiental delimitaram *um espaço Branco, maioritariamente masculino*, em países pós-coloniais, pluriétnicos e multiculturais onde se pensam e redesenham os mapas da Terra e as linhas do mundo.

Por outro lado, sobressai uma fractura colonial apoiada pelas ideologias racistas do Ocidente, pelo seu eurocentrismo religioso, cultural e étnico, e pelos seus desejos imperiais de enriquecimento, cujos efeitos se manifestam através das escravizações dos povos primevos da Terra, das violências infligidas às mulheres não europeias, das guerras de conquista coloniais, das extracções dos tráficos negreiros, dos sofrimentos das escravaturas, dos múltiplos genocídios e crimes contra a humanidade. A fractura colonial separa os humanos e os espaços geográficos da Terra entre colonos europeus e colonizados não europeus, entre Brancos e não Brancos, entre cristãos e não cristãos, entre senhores e escravos, entre metrópoles e colónias, entre países do Norte e países do Sul. Esta fractura, que remonta, pelo menos, à época da reconquista espanhola que expulsou os muçulmanos da Península Ibérica e da chegada de Cristóvão Colombo às Américas em 1492, coloca o colono, a sua história e os seus desejos no topo da hierarquia dos valores, subordinando a estes últimos as vidas e as terras dos colonizados ou anteriormente colonizados¹⁵. Do mesmo modo, esta fractura homogeneíza os colonos, reduzindo-os à experiência de um *homem Branco*, ao mesmo tempo que reduz a experiência dos colonizados à de um *homem racializado*. Ao longo da complexa história do colonialismo, esta linha foi contestada por ambos os lados e assumiu diferentes formas¹⁶. No entanto, ela ainda hoje perdura, reforçada pelos mercados liberais e pela economia capitalista.